

Percepções sobre a escola e relação com a escola: a perspectiva dos alunos

- Análise dos grupos focais com alunos (4º e 9º anos de escolaridade), realizados pela equipa de Avaliação Externa Escolas2030, em 2023 ¹ -

O que mais gostam e valorizam

A escola é valorizada pelos alunos por ser um espaço onde podem aprender, mas também pelas sociabilidades. A importância das relações pessoais, dos amigos, no contexto da escola é evidente. “Estar com os amigos” é das primeiras coisas que os alunos que participaram nos grupos focais (tanto do 4º como do 9º ano) respondem quando se pergunta o que mais gostam na escola. A isso está associado o recreio, entre os mais novos, enquanto um espaço de brincadeira livre e interação com os colegas.

Eu também acho que a escola dá a oportunidade de abrangermos e expandirmos os nossos conhecimentos. (...) Como também dá oportunidades (...) para nós também conseguirmos socializar (...).

Aluna, 9º ano

[- E se vos perguntarmos o que é que mais gostam na escola?]

- Estar com os meus amigos.

Aluno, 4º ano

Eu na minha escola gosto mais da parte do recreio da tarde, porque podemos ir para o parque (...) e depois tem um campo de basquetebol e de futebol (...). Brincamos às mães e aos pais...

Aluna, 4º ano

[- A colega estava a dizer que, na verdade, o que sentiu falta durante a pandemia foi desse convívio. É isso que vocês mais gostam na escola?]

- Eu acho que sim.

Aluna, 9º ano

Como veremos ao longo do texto, o domínio das relações – não apenas com os pares, mas ainda mais com os professores – é dos mais presentes no discurso dos alunos ao longo das entrevistas, como algo que valorizam bastante e que os afeta, quer pela positiva, quer pela negativa.

Quanto às atividades/aulas, aquelas que têm um maior carácter prático, são as que proporcionam aprendizagens relacionadas com o quotidiano, de uma forma menos abstrata e mais concreta, as mais apreciadas pelos alunos e aquelas que mais recordam, indicando nomeadamente o que aprenderam com elas.

¹ Ver Nota Metodológica.

Uma atividade... foi quando veio uma investigadora florestal e depois nós estávamos a falar sobre as árvores e nós fomos lá para fora ver as árvores que haviam na nossa escola, foi muito divertido, e eu aprendi também que existem árvores invasoras, árvores que ocupam mais espaço (...).

Aluna, 4º ano

- Nas [aulas] práticas estamos mais envolvidos. (...)
- (...) aulas de laboratório em que fazemos experiências (...), ajuda bastante na compreensão da matéria. (...) Por exemplo, nós agora a última que fizemos... estivemos a ver um coração de um porco. E estamos a dar essa matéria, e pelo menos para mim ajudou-me muito melhor a compreender os sítios do coração e todas essas coisas...

Alunos, 9º ano

Os alunos evidenciam também as atividades em contacto com a natureza ou fora da sala de aula tradicional e as visitas de estudo.

Eu gosto de várias atividades que nós temos lá (...). Depois quando acabam as aulas ou na hora do almoço (...) vamos brincar para um sítio cheio de árvores, com terra...

Aluno, 4º ano

Fizemos muitas visitas de estudo, ainda ontem fomos ao pé da estação de comboios, fomos àquele parque cheio de areia, ficamos lá a trepar...

Aluno, 4º ano

- (...) as visitas de estudo. (...)
- (...) estamos também a aprender... mas também estamos a socializar com outras turmas e isso é melhor ainda.
- Estas últimas do cinema, por exemplo.
- Nós fomos ver umas curtas-metragens a um cinema de Lisboa (...), e também estivemos com mais duas turmas do 9º, e foi bastante giro.
- [- Isso depois é trazido para a sala de aula?]
- Sim, tivemos um pequeno debate.

Alunos, 9º ano

Nos grupos focais são ainda destacadas, pelos alunos: atividades que estimulam a criatividade; atividades interativas, em que os alunos participam de forma mais direta (podem falar, participar, dar a sua opinião, ou tocar, mexer); atividades/trabalhos em grupo, em que os alunos se ajudam uns aos outros (mais no 4º do que no 9º ano), e também em convívio com outras turmas ou colegas; atividades de competição, como os concursos; jogos, que são divertidos mas que simultaneamente podem convocar competências trabalhadas em aula e conteúdos do currículo; e atividades em que se usam livros (de literatura, etc.), para além do manual, para abordar um assunto ou matéria.

Gosto muito (...) de aprender coisas novas... (...) gosto de fazer desenhos, gosto de ser criativo e também às vezes gosto quando fazemos uns concursos de leitura. (...) E também gosto daqueles concursos onde escolhemos um livro e depois votam, é muito engraçado e acho interessante.

Aluno, 4º ano

Nós temos uma coisa, à segunda e à quarta-feira, que se chama “Gostar”, que são muitos temas, há arte, há música, há dança, há teatro, e eu gosto muito de teatro. (...) E eu gosto muito de uma coisa que é uns projetos (...), há o tema da natureza, que era de um livro (...) e o fixe disso é que nós estávamos com outras turmas, nós ajudávamo-nos uns aos outros (...). Eu gosto muito porque dá para interagir com turmas de anos diferentes e acho que podemos aprender todos em conjunto.

Aluna, 4º ano

(...) os grupos interativos, que nós reunimos pais, professores de outras escolas, (...) voluntários (...), às vezes auxiliares. Nós reunimos cada grupo com quatro meninos, numa sala, e ficam lá (...) a ajudar os meninos. (...) E as tertúlias, tem a tertúlia artística (...) e as literárias (...).

Aluno, 4º ano

Os alunos do 9º ano referem de forma espontânea a participação em alguns projetos/programas, como o Erasmus+ e o Ubuntu, avaliando-os de forma muito positiva. O primeiro revela-se enriquecedor para alunos com uma relação mais consolidada com a escola, pela experiência de estarem noutro país e conhecerem novas culturas. Já o Ubuntu é considerado pelos alunos que se identificam como “mais problemáticos” como um grande contributo para se tornarem menos conflituosos, melhorarem as suas atitudes e terem uma postura mais positiva perante os outros e eles próprios, expressando ter sido este um projeto “impactante” nas suas vidas.

Eu acho que a escola tem uns projetos que são bons. Eu, por exemplo, participei no Erasmus e acho que foi uma ótima experiência.

Aluno, 9º ano

(...) no Erasmus+, porque eu fui à Lituânia (...). Foi, tipo, a melhor semana da minha vida. Às vezes apetece-me chorar de pensar que não estou lá, do sentimento que foi estar lá e as coisas que aprendemos. (...) E poder ter conhecido mais gente e as outras nacionalidades... (...) para mim foi a melhor coisa que alguma vez já fiz foi ir naquela semana para um país que nunca tinha ido (...).

Aluna, 9º ano

- Eu agora aqui pareço uma pessoa muito educada e não sei o quê, mas eu há dois anos atrás... quero dizer, eu hoje em dia consigo controlar-me mais. (...) E o Ubuntu foi assim uma coisa do nada. Porque é assim, eu sou a má, sou horrível, ninguém me vai escolher porque eu sou assim. E quando eu recebi a carta na sala de aula... Eu lembro-me disso tão bem. (...). Chegou a semana Ubuntu... eu era desconfiada, não falava com ninguém ali. (...) Quando começámos a nos conhecer e a fazer as atividades que fazemos lá, é que eu comecei a perceber que a vida não é assim (...) e que eu tinha de mudar e que não era a única que tinha problemas. E que não era a única que me sentia assim, e que não era a única explosiva. E o Ubuntu foi uma coisa que me ajudou tanto a mudar, que eu acho que se eu não tivesse entrado no Ubuntu o ano passado, eu este ano devia estar toda a hora em casa ou sempre suspensa ou coisa do género. Marcou-me muito porque eu estava a passar uma fase muito difícil da minha vida e eu acho que... foi tipo um abrigo para mim, eu senti um abrigo, e foi uma das coisas mais impactantes que eu vou lembrar para a vida toda. (...)

- (...) o Ubuntu. Também causou um impacto de mudança em mim, tanto que eu fui escolhido porque, pronto, era assim um dos alunos mais problemáticos como eu já tinha dito. Mas aquela semana fez com que eu aprendesse muito e, por exemplo, eu antes via uma pessoa a chorar que eu não conhecia ou que eu não gostava e eu pensava assim “Não te vou ajudar porque não gosto

de ti, não interessa”. (...) E agora, eu, por exemplo, dou por mim, e fico feliz por isso, (...) vou lá ajudar, vou tentar perceber o que se passa com ela. (...) As confusões também eu... lá está, antes talvez se estivessem a meter-se com um amigo meu, batia na outra pessoa para ajudar o meu amigo. Agora, não. Agora, chego lá e separo as coisas e digo assim “Ah, vamos lá acabar com isto”. Resolvo as coisas a falar. (...)

- Eu também fiz parte do Ubuntu. (...) o Ubuntu me ensinou a ter empatia, (...) me ensinou a desculpar as pessoas.

Alunos, 9º ano

Os professores

Quando convidados a pensar nos melhores professores que já tiveram, os alunos do 9º ano referem professores de diferentes disciplinas. Mas o que têm estes professores em comum? Questionámo-los então sobre o motivo de terem pensado nesse/s professores/s, procurando que refletissem sobre as características que os diferenciavam. Os “melhores” professores, que mais se recordam, são aqueles que ensinam de uma forma mais cativante (não seguem estritamente o currículo, articulam a matéria com assuntos e questões do quotidiano, remetem para uma realidade em concreto, ligam a matéria à realidade dos alunos, não seguem apenas o manual e vão desenvolvendo atividades “diferentes”) e que mantêm uma relação próxima com os alunos, atentos aos seus problemas (são amigáveis, mostram empatia, estão abertos às suas opiniões, procuram aumentar a sua autoconfiança e autoestima, valorizam-nos, motivam-nos, fazem elogios e não apenas críticas).

- Neste momento [o melhor professor] seria o professor de História.

- Nos anos anteriores, [o melhor professor foi] um professor de Geografia. Lá está, era a maneira como davam a matéria. As aulas não eram aquelas aulas que estávamos todos distraídos, porque o professor mudava muito a maneira de dar a matéria.

- Era interessante. (...) E acho que os dois têm características... não têm problemas em falar de uma coisa que não seja estritamente da aula, mas que tenha a ver com a matéria. (...) relacionavam coisas que aconteciam na vida real. E isso ajudava.

Alunos, 9º ano

- As aulas dessa professora são das que eu mais tomo atenção porque ela fala da matéria, depois, dentro da matéria, arranja um assunto e fala connosco, ainda a ver com aquela matéria, mas é um assunto nada a ver. É uma história da vida ou uma cena assim. (...)

- Mas acabamos por aprender. Não sentimos que saímos de lá sem aprender. (...) Eu não sinto que estou em falta com nenhuma parte da matéria (...).

- (...) Empatia pelo aluno.... Por exemplo, a *stora* preocupa-se... não se nota, mas ela preocupa-se muito connosco. (...) Eu acho que nós damo-nos muito bem com essa professora pelo facto de ela se preocupar connosco, de ela transmitir respeito e confiança em nós. E estar sempre a dizer que nós somos bons, somos fantásticos, tipo... elogiar-nos em vez de estar-nos sempre a meter para baixo e a meter-nos pressão, por exemplo, pressão com os exames. (...) ela é mais, tipo, tranquila, fala connosco e faz piadas connosco. Eu acho que isso é importante.

- A professora tem uma coisa que eu admiro muito que poucos professores fazem. Porque normalmente os professores mandam sempre e-mail para os pais quando o aluno faz alguma coisa má, digamos. Esta professora, ela (...) manda e-mail aos pais também a elogiar os alunos. E isso é uma coisa boa para os alunos e para os pais. Que os pais estão em casa sempre a receber críticas dos filhos, mas nunca ninguém se lembrou de elogiar também.

Alunos, 9º ano

- Descontraídos, eram mais descontraídos, não estavam ali tão preocupados em dar muita matéria seguida. Era o que dava... se precisássemos de mais uma ou duas aulas, davam.
- Estavam mais preocupados que nós conseguíssemos aprender do que dar a matéria toda (...).
- Eram animados... (...) Acho que é uma característica muito pessoal, não sei. Têm a capacidade de obter a nossa atenção... é bastante curioso porque é uma característica deles, nem toda a gente consegue ser assim (...).

Alunos, 9º ano

Eu, por exemplo, no 7º e no 8º ano eu era muito fechada. Eu sou uma pessoa muito tímida. (...) eu não falava com os professores. Eu até tinha dificuldade em dizer bom dia porque na minha cabeça ia dizer grande disparate. E aquelas professoras nunca me puseram pressão de eu ter de fazer aquilo, mas começaram-me a dar confiança e a deixar-me confortável o suficiente para começar a abrir-me com elas. E comecei a falar mais com as professoras e com os meus colegas também, tanto que agora estou aqui a falar com vocês e tenho a certeza que se fosse no 7º ano eu ficaria só no meu sítio calada.

Aluna, 9º ano

Não são apenas os alunos mais velhos que falam em professores “descontraídos” e bem dispostos, também ao longo do discurso dos mais novos, do 4º ano, se percebe que estes apreciam que os professores sejam “divertidos”.

Na Música nós temos uma professora que brinca muito connosco, é muito divertida.

Aluno, 4º ano

As características referidas pelos alunos, como aquelas que distinguem os melhores professores, contribuem, no seu ponto de vista, para aumentar o interesse dos alunos nas disciplinas e suscitar a participação destes nas aulas.

- É isso que nos faz todos interligar, partilharmos as nossas opiniões tanto com o professor, ter alguma... lá está, não é estar só a recolher informação, é trocar, é partilhar pensamentos, mesmo aqueles que discordamos... temos aqueles debates. (...)
- Eu noto uma coisa. Normalmente, nas outras aulas, quando um professor pede para ler, há um, dois que se voluntariam, e na aula de História às vezes há cinco, seis pessoas que querem ler...

Alunos, 9º ano

Eu, por exemplo, tenho professores que são mais fechados e que só se focam na matéria. Normalmente, os alunos perdem mais interesse nessas aulas porque sentem... não sei, muita pressão, ou sentem que o professor (...) só quer dar a matéria e ir embora. E há outros professores que falam mais connosco, desenvolvem mais a conversa, e depois acabam por explicar melhor, e que têm uma melhor relação com os alunos, e os alunos acabam por prestar mais atenção às aulas.

Aluna, 9º ano

Um dos aspetos mais focados pelos alunos é, claramente, a vertente das relações que se estabelecem na escola, não apenas entre os alunos, como vimos no ponto anterior, mas também com os professores. A relação, mais positiva ou negativa, com os professores é um aspeto

destacado pelos alunos que participaram nos grupos focais como algo que os afeta e que influencia a sua forma de estar na escola.

Claro que o trabalho [do professor] é ensinar, é educar as crianças, mas importa imenso a parte da relação que cria. Como estava a dizer, a parte para mim que é mais importante na escola é a relação que temos com os professores. Claro que a relação com os amigos importa, mas eu posso relacionar-me com os amigos fora da escola, o professor é aquela pessoa que é... confio mais na opinião de alguém que eu goste e que tenho uma melhor relação do que em alguém que eu sinto que tenho uma relação fria e que não estou tão aproximada. (...) quando o professor entra com má energia, com mau humor, isso pega-se, isso alastra.

Aluna, 9º ano

Segundo os alunos, do 9º ano, para terem uma boa relação com os alunos, é fundamental os professores saberem lidar com adolescentes e terem empatia, procurando entender os seus problemas e os motivos de agirem de determinada maneira.

- Lidar com adolescentes não é fácil. Há muitos professores que não sabem fazer isso e não têm paciência nenhuma. (...)
- Digamos que se os professores comessem a perguntar-nos porque é que fizemos aquela... Imagine que temos uma reação muito má a uma coisa que o professor disse, a gente tem uma reação muito má ou responde. Eu acho que antes de marcar falta disciplinar ou mandar-nos para a rua, deviam perguntar porque é que tivemos essa reação e porque é que respondemos. Eu acho que as coisas iam melhorar muito se comessem a perguntar porquê. (...)
- Eu acho que a falta de empatia deles, na maioria, é muito grande. E eles não tentam entender a gente.

Alunas, 9º ano

Na citação seguinte, um aluno explica como uma professora fez a diferença, ao acreditar nele e na sua capacidade de mudança, ajudando-o a melhorar e a ganhar autoconfiança, a integrar-se e a investir no seu percurso escolar, depois de um ano marcado pelo insucesso.

Eu lembro-me que, para aí no 8º ano, eu chumbei de ano, porque eu a meio... foi mais por causa das companhias, porque eu a meio desisti do ano e, lá está, não correu bem. Então, na altura, tinham uma imagem de mim porque era... “Ah, este aluno não queremos porque é um aluno repetente, tem várias faltas disciplinares. Não vale a pena, tem más notas, responde mal, não vale a pena.” E essa professora que eu acho que, no geral, todos gostamos dela, foi a única que disse assim: “Ah, vocês não querem, então está bem, eu fico com ele”. (...) E essa professora fez com que eu conseguisse confiar em mim outra vez e que quisesse mudar, porque eu vinha com aquele pensamento: eu venho para a escola porque tenho de vir; vou-me esforçar, mas não vou levar isto, por exemplo, um trabalho que tenha de ser, mais a sério. Então eu chegava à escola, ficava lá sentado, tomava atenção, estava mesmo focado. (...) com o tempo eu fui-me encaixando na turma e fui falando mais com o pessoal. Fui começando a brincar mais, fui confiando mais em mim.

Aluno, 9º ano

Já os próximos trechos expressam a perceção de duas alunas de que os professores – a sua assiduidade, forma de ensinar e relação que estabelecem –, mas também os colegas – devido ao mau comportamento –, podem influenciar a sua aprendizagem e o seu futuro académico, o que as desagrada.

- (...) Tenho uma professora, por exemplo, que devido a questões de saúde faltou a muitas aulas, de ciências. E eu quero seguir ciências (...). A nossa turma não tem uma relação muito boa com aquela professora e acabam por sabotar as aulas também. E eu não gosto do facto de a minha aprendizagem depender daquilo que os outros querem ou não querem... gostam da professora ou não gostam. E também não gosto de depender da professora para a minha aprendizagem. (...)
- É muito chato quando queremos aprender alguma coisa, mas temos metade da turma que está a tentar aprender, está interessada, e depois a outra metade está completamente distraída (...), e estão literalmente a destabilizar as aulas.

Alunas, 9º ano

Problemas e dificuldades

Principalmente no 4º ano, os alunos mencionam a presença de situações conflituosas na escola. As discussões e a agressividade e o mau comportamento de alguns colegas são aspetos que os mais novos dizem não gostar na escola.

- O que eu não gosto às vezes na escola é que, eu acho que em qualquer escola, tem meninos mal educados, e também na nossa escola. (...) se uma pessoa chuta a bola para fora ou alguma coisa, todos ficam sem bola ou todos ficam de castigo no intervalo.... (...)
- Há outra coisa que eu não gosto nada na minha turma, é que é muito agressiva, se alguém faz uma crítica à pessoa, ou a uma pessoa muito amiga da pessoa ou a alguma coisa que a pessoa goste muito, (...) começam todos à pancada... (...)
- O que eu mudaria é que... que a escola ficasse em paz, que não houvesse brigas, que ninguém se chateasse, isso mudava totalmente a escola...

Alunos, 4º ano

Ao longo do/s ano/letivos/s as crianças vão percebendo uma evolução positiva relativamente à ocorrência e gestão do conflito. Os professores vão tentando ajudar a geri-lo, conversando com as crianças e jovens e progressivamente incentivando a sua autonomia para, sozinhas, conseguirem resolver essas situações.

- Sempre que há um conflito na minha turma, em algum intervalo, a professora fala com a turma, fala com a pessoa, porque é que fez aquilo, fala com a outra... para ver o que é que podia fazer, o que é que não devia ter feito... (...)
- (...) a professora disse: “você já estão a ficar crescidos, têm de resolver as coisas como adultos, e nós começámos a resolver as nossas coisas...

Alunos, 4º ano

Conforme se conclui na análise dos resultados de avaliação das competências socioemocionais (autoreflexão), pela equipa parceira da Universidade do Porto, no que concerne à reconciliação de tensões e resolução de problemas, os professores/educadores tendem a incentivar o diálogo para resolução do conflito/problema, sendo menos frequente a criação de situações-problema para as crianças/os alunos terem oportunidade de as resolver (pwpt FPCEUP, 2023²).

² Documento sem difusão pública.

No 9º ano o conflito marca também presença, mas em geral os alunos sabem geri-lo com mais maturidade, usam mais o diálogo com esse intuito. Algumas dificuldades na interação com os colegas são reportadas, por exemplo, na realização de trabalhos de grupo. O trabalhar em grupo no 9º ano parece encontrar algumas resistências por parte de alguns alunos, que assumem que nem sempre é fácil trabalhar com pessoas com personalidades, disposições para participar e métodos de trabalho diferenciados.

Há trabalhos que eu prefiro fazer em grupo, mas há outros que tipo... TIC, odeio fazer trabalhos de grupo em TIC. Não sei porquê, mas eu sou assim, tem de ser à minha maneira (...). Mas acho que é das pessoas, porque eu também tenho um bocadinho de problema de posse, do controlo (...). Eu quando começo um trabalho (...), eu faço tudo de uma vez só, irrita-me imenso quando sabemos que temos de trabalhar com colegas. Mesmo que gostemos ou não gostemos, temos de trabalhar com aquele tipo de pessoas na vida, não podemos escolher as pessoas com quem trabalhamos e por isso temos de começar isso na escola, mas é difícil.

Aluna, 9º ano

Estávamos todos juntos e convivíamos, mas enquanto trabalhávamos em grupo e em turma, depois havia mal-entendidos.

Aluno, 9º ano

A transição do 1º para o 2º ciclo é mencionado como um período “complicado” no percurso escolar das crianças. Alunos do 9º ano recordam essa fase e a mudança sentida ao deixar de ter aulas em monodocência e a atenção exclusiva de um/a professor/a.

- Se há coisa que sentimos grande diferença foi o carinho que tínhamos de um professor de uma escola da primária, em que era um professor para todas as coisas, para uma escola já de 5º, 6º... Sentia que tinha o carinho todo de um professor e depois estávamos mais... dispersos...
- Em questão de ambiente...
- Acho que o 5º ano foi um ano complicado para todos.

Alunos, 9º ano

A integração também pode ser uma dificuldade sentida na escola, identificada por alguns alunos que vieram de outros países.

Mesmo cercada de pessoas eu me sinto um pouco fora do lugar, também por não estar no meu país, então a gente se sente um pouco mais deslocado. E eu acho que isso é uma coisa que eu realmente não gosto muito na escola porque às vezes a escola me faz sentir mal... alguns colegas e às vezes até alguns professores. E me fazem querer voltar para um país para onde eu não posso mais voltar.

Aluna, 9º ano

Vários alunos do 9º ano referem também a extensão dos currículos escolares e o ritmo acelerado das aulas para cumpri-los. Isso é visto como negativo e limitador, gerando ansiedade nos alunos.

- Um ritmo mais calmo às vezes ajuda, uma aula mais descontraída de vez em quando também... (...)
- Em Português (...) já mudámos de professor duas vezes... e toda a matéria que estamos a dar agora tem sido sempre naquele ritmo muito acelerado, os testes são todos seguidos, não temos

tempo para estudar porque damos a matéria hoje, daqui a cinco dias já é o teste. (...) temos os testes todos muito seguidos, numa semana às vezes... (...)

- A ansiedade que nós sentimos às vezes durante os testes, durante as aulas...

Alunos, 9º ano

Os alunos dizem preferir e ganhar em termos de compreensão da matéria quando as aulas são dadas com mais tempo e mais calma.

Há disciplinas que nós, por exemplo... posso dar o exemplo de Geografia e Inglês, se calhar, que nós damos às vezes matérias não tão seguidas, precisamos de algumas aulas para isso, e essas aulas nós conseguimos compreender mais a matéria. Não é ali tudo à pressa como, por exemplo, temos tido agora Português e Matemática.

Aluno, 9º ano

(...) como é que os professores vão dar aquela matéria toda e conseguir avaliar tudo... E, por vezes, dão o programa todo, mas dão o programa todo muito acelerado, e depois ninguém percebe nada.

Aluna, 9º ano

Importa também considerar, no seu ponto de vista, quando se leciona, ritmos de aprendizagem diferentes entre os alunos.

Há crianças que aprendem uma coisa... (...) numa aula. Mas há crianças que precisam de duas aulas. (...) se não também fica stressada ao saber que tem de aprender isto hoje, mas amanhã já não percebe e já estão a passar à frente, sente-se um bocado perdida.

Aluna, 9º ano

Um outro aspeto mencionado, que dificulta o acompanhamento das aulas, é a dificuldade de concentração que sentem em alguns momentos, associada à fase da adolescência em que se encontram.

- O meu maior problema é a concentração... Distraio-me facilmente, por exemplo. Isso não ajuda muito, não é?!

- A cabeça está em muitos sítios.

- Sim, temos muita coisa na cabeça. O humor muda de um segundo para o outro.

Alunos, 9º ano

A palavra “pressão” está muito presente no discurso dos alunos do último ano do 3º ciclo. A pressão para estudarem e corresponderem ao que é esperado deles, para serem responsáveis, terem boas notas e precaverem o seu futuro é sentida como um peso nesta fase das suas vidas.

E mais uma delas é a pressão (...). Como vamos aumentando o grau de dificuldade... (...) temos de começar a estudar, temos mais preocupações, então... acho que é um bocado a pressão. Temos de ter boas notas porque é o nosso futuro que está em jogo...

Aluna, 9º ano

Não gosto da pressão. Eu trabalho muito bem sob pressão, mas não gosto de ter aquela pressão de ter de estar constantemente a ser responsável e a dizer “Olha, tens de fazer isto e isto e aquilo, porque senão vai acontecer isto, isto e aquilo”.

Aluna, 9º ano

O que mudariam na escola

Um dos aspetos que mudariam na escola para aumentar o interesse e motivação dos alunos, seria melhorar a sua relação com os professores e mudavam a forma como muitos destes lecionam. O método tradicional de ensino, em que a aprendizagem é passiva e o ensino está centrado na figura do professor, e as aulas expositivas, centradas no manual, sem atividades de carácter mais prático, são criticados por uma larga parte dos alunos entrevistados. Alguns referem também a importância de os professores transmitirem valores e competências socioemocionais, para além das competências cognitivas e os conteúdos mais substantivos do currículo.

Eu acho que seria bom se houvesse algum tipo de forma de relacionar mais os alunos com os professores.

Aluno, 9º ano

- Eu acho que [mudaria] a forma como dão as aulas. Não é sentarmo-nos todos numa cadeira, o professor começar a falar, a depositar e nós estarmos quase a derreter lá sentados. (...)
- Ao fim de dois tempos de aulas, às vezes já nem estamos a ouvir nada.
- Damos por nós a olhar para a parede. «Ui, já perdi tudo.»
- É um pouco atirar matéria e nós apanhamos o que conseguimos.

Alunos, 9º ano

A forma que ensinam... Por exemplo, eu acho que as professoras prendem-se muito àquilo que está no livro, e o que elas querem é só matéria, esta, esta e esta. Dizem tudo, mas depois explicam de uma forma muito confusa, e até, às vezes, a maneira que está no manual. “Olha, façam esse exercício e depois este.” Eu acho que devíamos fazer algumas atividades (...). Nós às vezes estamos a brincar, mas estamos a aprender... uma coisa que nos chama a atenção, mas que também consegue transmitir aprendizagem.

Aluno, 9º ano

(...) além de sabermos os cantos todos d' Os Lusíadas ou que pedra é esta e aquela, também crescer para a vida, porque estão-nos a ensinar para sermos os adultos de Portugal, do futuro. E coisas que temos de saber para a vida, formas de pensar, formas de ser, também aprendemos isso com os professores. E há professores que, por mais que não deem tudo o que está no manual, conseguem de qualquer forma educar.

Aluna, 9º ano

O facto de poderem participar, dar a sua opinião, fazerem trabalhos e atividades “diferentes do habitual” (recorrendo, por exemplo, às tecnologias) é apontado pelos alunos entrevistados como instrumentos e modalidades de aprendizagem interessantes.

Também às vezes fazemos apresentações e trabalhos assim diferentes, alguns professores até nos pedem a nós opiniões de trabalhos que podemos fazer, sejam apresentações, sejam... (...) Agora

também estamos numa era em que estamos a usar mais tecnologias, jogos, criar aplicações que tenham a ver com a matéria. Também nos questionam sobre isso.

Aluna, 9º ano

Dar, tipo, a conhecer aos professores quando eles estão a fazer a universidade e coisas do género, algumas atividades para fazer com os alunos. Por exemplo, atividades, tipo, fora de aula, (...) jogos, (...) relacionados com a matéria.

Aluna, 9º ano

A forma como os alunos são avaliados também é referida por estes como um aspeto a mudar na escola. Na sua perceção, a avaliação não é verdadeiramente contínua, os testes têm um peso excessivo e podem não captar completamente aquilo que os alunos sabem, havendo vários motivos que podem condicionar o desempenho deles naquele momento.

- Se eu pudesse eu mudaria a maneira como alguns professores nos avaliam. Eu tenho dois tipos (...). Tenho uma professora que quase nunca faz testes e avalia-nos por trabalhos e pela participação na aula. Também tenho professores que só olham para as folhas do teste e olham para a tabela do Excel e dizem "Ah, teve uma má nota neste teste, pronto, tem má nota para o resto". (...) há certas disciplinas em que os professores só ligam para os testes, e muitas vezes os alunos acabam por tirar piores notas nos testes por pressão, (...) até porque um teste é uma avaliação, mas é uma coisa que é feita sob pressão num dia... (...) não acho que deva ser só por esse resultado dessa ficha que devam avaliar-nos completamente. (...)

- Porque eu num teste posso estar preparado para uma matéria, mas acordei mal e tive uma luta, verbal, com a minha mãe no dia anterior, e dormi mal, (...) e no final sabes que havia um teste que não transmite essencialmente a minha aprendizagem. Acho que um método de avaliação que fosse um bocadinho mais mudado como a minha professora de Inglês, que (...) avalia mais a nossa postura na sala de aula e a nossa participação, os trabalhos que fazemos em casa, (...), os trabalhos que fazemos na aula. Acho que variar entre um e outro era mais benéfico para o aluno.

Alunos, 9º ano

A renovação do espaço físico da escola é também referida pelos alunos como algo que é preciso mudar na escola. Alguns mencionam aspetos como a cor das paredes ou o espaço de recreio, enquanto vários enfatizam a relevância de renovar e atualizar os equipamentos e serviços tecnológicos, não apenas os projetores, como também os computadores e a internet. O uso do digital nas aulas é desincentivado pelo facto de, frequentemente, os computadores estarem obsoletos e a internet lenta.

- Eu acho que hoje em dia as coisas estão a ficar cada vez mais tecnológicas. Podia haver uma renovação de, por exemplo, computadores. (...) a internet também. (...) Ainda no outro dia um professor demorou 20 minutos a ligar o computador e que tudo estivesse pronto para começar a dar a aula. Isso também...

- Desmotiva um pouco.

- Tanto para nós como para os professores. (...) Mesmo que o professor queira [recorrer mais ao digital], não consegue.

Alunos, 9º ano

Na citação seguinte, um aluno do 4º ano expressa a sua satisfação pela configuração da sala de aula da sua turma, com mesas de grupo, em que podem estar vários alunos a trabalhar em

conjunto, virados uns para os outros, ao invés da distribuição dos alunos dois a dois, virados para o quadro. Também alunos do 9º ano revelam percepção equivalente, mostrando a sua preferência por salas estruturadas num modelo que poderá fomentar mais a participação de todos e a interação com o professor. Esta estrutura é associada às salas de 1º ciclo, pelo que seria um aspeto que mudariam nos ciclos seguintes.

Eu gosto da forma como nós trabalhamos, porque na maior parte das escolas, pelo menos do que eu sei, têm carteirinhas de dois e ficam todos virados para o quadro. Na nossa escola não, nós ficamos em grupos de seis, ajudamo-nos todos uns aos outros e sempre que alguém tem dificuldade, antes de perguntar à professora, vê algum amigo do grupo para ver se alguém sabe ajudar. (...) porque a nossa professora diz que acha que é mais ou menos batota nas provas, porque nós estudamos e passado uma semana já não nos lembramos, por isso nós trabalhamos assim durante algum tempo uma matéria...

Aluno, 4º ano

- Eu acho que mudaria a estrutura da sala. Na primária, pelo menos, nós escolhíamos a estrutura da nossa sala: podíamos a fazer a sala em U, podíamos fazer um M, podíamos meter, tipo, as mesas a forma como a gente quisesse. (...) Desde que eu estou cá nesta escola, eu nunca vi uma sala em U (...).

[- E achas que isso é importante? Porque é que isso pode ser importante?]

- Para nos sentirmos mais à vontade, mais alegres (...).

- (...) eu acho que seria um experimento fixe, bom, até porque o professor consegue andar de mesa a mesa e ajudar-nos, em vez de estar sempre a enfiar-se dentro dos corredores...

Alunos, 9º ano

Emoções, valores e atitudes

Segundos os alunos participantes nos grupos focais, não existem, em geral, muitas oportunidades na escola, ou um ambiente muito favorável, para falar sobre problemas e emoções, e, particularmente na adolescência, sente-se essa necessidade. Recordam algumas situações em que se falou sobre isso e o resultado foi positivo. Referem, contudo, que se passou a falar mais generalizadamente de saúde mental, na escola e na sociedade em geral, após a pandemia de Covid-19.

- (...) o professor, no caso de Inglês, acho que foi este ano, houve uma matéria qualquer que falava sobre... era sobre a adolescência, e nós tivemos um debate sobre as emoções que cada um sentia, o que é que não gostava no seu corpo neste momento da adolescência, e claro que nós às vezes levamos aquilo na brincadeira porque é entre todos, mas acaba por ser muito a sério em alguns casos (...).

- E essas coisas de falarmos sobre emoções ajudam a também conhecermos melhor com quem estamos. Por exemplo, com colegas, mesmo com os professores. (...)

- Essas aulas, lá está, nós (...) podemos participar, podemos dar a nossa opinião...

Alunos, 9º ano

Vai haver uma palestra lá na escola sobre saúde mental (...). E acho que este ano tudo isso, quer seja pela parte da escola, quer seja pela parte da comunidade em si, a saúde mental vem muito mais ao de cima porque estivemos muito tempo em casa, muitas pessoas ficaram mal, houve

muitas pessoas que infelizmente por causa do Covid morreram, e essas pessoas faziam falta a algumas. E acho que essa parte da saúde mental e das emoções, e das atitudes que o outro tem, durante este ano letivo, pelo menos, está a vir muito mais ao de cima do que nos outros anos. Não se falava tanto.

Aluna, 9º ano

Atividades que promovem a empatia e o interconhecimento, geralmente inseridas em projetos, são também referidas pontualmente pelos alunos.

Houve um trabalho que nós fizemos (...) que também me ajudou, que (...) nós tínhamos de dar um elogio a cada pessoa. E acho que isso no geral foi bom porque nós aprendemos a ver também... há certos colegas que passam mais despercebidos por nós e nós nunca parámos para pensar nas qualidades que eles têm também.

Aluna, 9º ano

Recorrendo à análise dos resultados de avaliação das competências socioemocionais (autoreflexão), pela equipa da Universidade do Porto (pwpt FPCEUP, 2023³), no que à empatia diz respeito, encontramos, entre as práticas menos frequentes entre os educadores/professores, o incentivo aos alunos elogiarem-se mutuamente (perante um sucesso ou esforço) ou a disponibilização de materiais representativos de diferentes culturas (incluindo as culturas dos alunos da turma). Mais frequente é, por exemplo, chamar a atenção dos alunos para a importância de respeitar opiniões diferentes e incentivá-los a não ferirem os sentimentos uns dos outros.

Neste domínio importa ainda salientar a importância dos técnicos especializados, como os animadores socioculturais. O seu papel parece ser muito relevante no contexto da escola, no suporte motivacional e no apoio à gestão de emoções e atitudes, principalmente, de alunos que se assumem com mais problemas de integração ou problemas comportamentais, o que transparece no discurso desses jovens.

- Eu acho que nas escolas devia ser obrigatório terem um animador. Porque, por exemplo, nós temos uma animadora, e falo por mim, porque eu dou-me muito bem com a nossa animadora... e tem uma relação diferente, porque a animadora faz atividades, tu podes sempre falar com ela como se fosse uma psicóloga. Mais... ela ajuda, ela ouve, ela responde, ela...
- Dá conselhos.
- Ela é como se fosse uma adolescente adulta, digamos assim. (...)
- É como se fosse uma mãe, uma segunda mãe que a gente conseguiu arrumar na escola, uma pessoa confiável.
- Se temos problemas dentro da sala de aula, vamos logo a correr, pelo menos eu, vou logo a correr para ela (...). E ela diz sempre: "Não expludas, não liguês e não faças isso".

Alunos, 9º ano

³ Documento sem difusão pública.

Participação e (des)igualdade

A participação mais direta dos alunos na escola tem lugar na sala de aula, mas se nem todos os professores impulsionam da mesma forma essa participação, também nem todos os alunos mostram a mesma apetência e vontade de participar, o que se verifica entre os alunos do 4º e do 9º anos e que pode ter diferentes motivos. Se os alunos que têm mais dificuldades “têm medo de errar” perante o professor e perante a turma e que os colegas “gozem com eles”, os alunos com melhores notas, face às elevadas expetativas, acabam por sentir um pouco o mesmo, sendo o ambiente da turma e a atitude do professor relevante neste domínio. A participação é muito associada pelos alunos a fazer perguntas/tirar dúvidas com o professor ou responder a perguntas que o professor faz sobre a matéria.

Há alguma exceção de alguns colegas que não participam tanto (...), que têm medo de errar, e como têm também mais dificuldades e têm apoio, têm medo... porque têm mais dificuldades e têm medo que gozem com eles...

Aluna, 4º ano

- Há certas pessoas que são... mais tímidas. Não perguntam tanto, nota-se nas avaliações. (...)
- Uma aula que estejamos só a ouvir e não possamos falar também não ajuda muito.

Alunos, 9º ano

- Há professores que nos dá mais confiança para meter perguntas e tirar dúvidas, e há outros que nos deixam desconfortáveis (...).
- Sim e depois tem sempre aquelas pessoas que o professor faz uma pergunta e eles respondem mal, e toda a gente começa-se a rir. (...)
- Os alunos numa sala têm que ter um ambiente simpático, um ambiente em que os alunos se sintam confortáveis. (...) Há professores que dizem: “Ah, não te vou responder a isso, devias saber essa matéria já, vai estudar, vai ler o manual”, ou explicam-nos quatro vezes da mesma exata maneira.

Alunas, 9º ano

Eu crio uma expectativa muito alta para mim mesma, e os professores também acham que eu normalmente tenho boas notas nos testes e enfim, que tenho de saber tudo. E depois eu tenho sempre medo de... se eu errar. E não são só os professores. Se eu errar a pergunta, os meus colegas ficam todos “Como assim não sabias isso? (...)” e depois acabo por ficar com medo de dizer (...) porque têm todos uma expectativa muito alta. (...) E acho que também a parte da participação não depende só do aluno. (...) acho que os professores às vezes podem dar uma ajudinha.

Aluna, 9º ano

A participação em determinadas atividades que ocorrem na escola pode não incluir todos os alunos, sendo que isso pode ser percecionado como uma recompensa para os melhores, incentivando o trabalho e o bom comportamento, mas também como um fechamento de oportunidades para quem tem mais dificuldades. Isso transparece nos próximos excertos, de alunos do 4º ano, onde se dá conta da seleção dos alunos pelos professores para participar em determinados concursos ou atividades extracurriculares.

Agora na sexta vamos ter um concurso de soletração. E a professora escolheu as pessoas que eram melhores, mais rápidas (...). A Carolina que está ao meu lado, ela queria participar, só que ela tem dificuldade em escrever, então demora mais.

Aluna, 4º ano

- A professora pôs os melhores alunos para o *Summer School* e eu fui convidado... (...)
- Não é de escolha, a minha professora disse que era os que tinham melhor comportamento...

Alunos, 4º ano

As diferenças de género fazem-se sentir desde cedo na escola e persistem de diferentes formas nos anos mais avançados. Se no 4º ano são comuns os relatos de indignação por parte das meninas por nem sempre serem bem aceites em atividades como o futebol pelos meninos, ou tratadas de “igual para igual” por estes, no 9º ano esta desigualdade pode estar relacionada com expectativas diferenciadas associadas a rapazes e raparigas no que toca, por exemplo, à expressão de emoções.

- O que eu menos gosto é às vezes os rapazes, da minha sala, porque quando é dia de futebol, eu gosto de jogar futebol, (...) só que alguns deles chutam com muita força, outros não são justos, (...) mandam-me para a equipa pior... (...) e eu não gosto disso. (...)
- (...) eu já tive três brigas com esse colega, ele acha que lá porque eu sou miúda eu não sei defender-me, e isso deixa-me com raiva...

Alunas, 4º ano

- Eu não sou muito de falar sobre os meus sentimentos. (...) Não é muito confortável falar. (...) Acho que também existe um certo estigma, sobre rapazes (...). Têm de ser duros e não mostrar sentimentos...

[- E vocês sentem essa pressão?]

- Sim. (...)

- (...) no caso das raparigas é um bocadinho mais fácil do que no caso dos rapazes falar com alguém.

Alunos, 9º ano

Os alunos do 1º ciclo mencionam como positivo o facto de as suas escolas acolherem alunos de diferentes nacionalidades e alunos com necessidades especiais. Já no 9º ano alguns problemas de integração e discriminação são relatados.

E uma coisa que eu acho muito boa na minha escola, é que nós, toda a escola, acolhemos pessoas de diferentes países, temos três ucranianos, não sei quantos brasileiros, uma argentina, um angolano, alguns cabo-verdianos, e temos três meninos com algumas diferenças (...).

Aluna, 4º ano

No caso dela, eu acho também que já houve pessoas que foram xenófobas... (...) Na minha turma há sempre alguém que gosta de fazer piadinhas machistas, racistas, homofóbicas e por aí. Mas para eles não é nada de mais, é só uma piadinha. Mas para as pessoas que são aquilo, às vezes...

Aluna, 9º ano

Quanto à presença e participação de pais e encarregados de educação na escola, embora esta aconteça, é mais associada ao pré-escolar ou mesmo ao 1º ciclo. Os alunos têm a perceção de que, nos ciclos seguintes, se chama menos os pais à escola (porque “é mais aulas teóricas, é tudo mais a sério”), procurando envolvê-los de outras formas nas atividades, embora não tão frequentemente. Para além disso, nem todos os pais respondem da mesma forma, mostrando-se alguns mais interessados ou mais disponíveis do que outros.

Fonte: CIES, Iscte, 2023